

LIVROS RECENTES E DEBATES CONTEMPORÂNEOS*

Comentário Crítico pelo Editor

The Abrahamic Encounter: Local Initiatives, Large Implications

Mazhar Jalil, Norman Hosansky, Paul D. Numrich, Robert P. Sellers
Wipf and Stock Publishers, 12 Agosto 2016
214 pp.

O Deus dos Judeus, Cristãos e Muçulmanos Será Realmente o Mesmo Deus?: O Problema de Reduzir Religião a Cultura e Política

O diálogo inter-religioso e o movimento ecumênico ganharam relevância depois de 1945, por causa do Holocausto, para promover a aproximação entre cristianismo e judaísmo. Atualmente, o islão passou a integrar obrigatoriamente este tipo de discussão para demonstrar que, ao contrário do fundamentalismo extremista, a religião muçulmana é uma fundamental parte da tradição monoteísta que nasceu com o judaísmo. Enquanto no ecumenismo em relação aos judeus, o objetivo era distinguir a civilização ocidental da barbárie nazista que os alemães desenvolveram no centro dessa civilização, o objetivo agora é demonstrar que a intolerância em relação

* Ensaio de revisão acerca de livros publicados durante o mesmo semestre, ou no final do semestre anterior da edição de cada número de *Interações*.

à religião e cultura muçulmanas, em resultado do terrorismo de inspiração islamista, é inteiramente contraditória com os valores civilizados de igualdade e integração da cultura democrática ocidental. O discurso acaba por recair, porém, de uma forma ou de outra, nos refrões de que o Islão é ‘uma religião de paz’ e que as três religiões monoteístas ‘abraâmicas’, acima de tudo, ‘têm o mesmo Deus’. Este livro, organizado por um muçulmano, um cristão e um judeu é particularmente expressivo desse tipo de narrativa, usando a expressão ‘encontro abraâmico’ como um tributário do ‘encontro cultural’ como o lema de uma sociedade fundada na diferença cultural, influência mútua e tolerância democrática. Sendo o livro baseado num encontro promovido por um grupo da região central do estado do Ohio, os diferentes participantes pretendem fazer a ponte com o contexto mais vasto da diversidade religiosa e do diálogo entre ‘igrejas, sinagogas e mesquitas’ na América. Mas será que o Deus dos judeus, cristãos e muçulmanos será realmente o mesmo Deus?

A questão problemática no discurso inter-religioso é que é largamente destituído de uma visão teológica séria. O que quero dizer é que as religiões não são, em última instância, como se pretende hoje, apenas fenómenos culturais e políticos, permitindo encontrar pontos de convergência doutrinária para ultrapassar divisismo, intolerância e violência, no campo da cultura e do poder. A própria ideia de ‘religiões abraâmicas’ é uma pura reificação que procura estabelecer uma cadeia genealógica no monoteísmo até ao Deus de Abraão. Mais significativo, historicamente, na relação do cristianismo com o judaísmo, e, a seguir, na relação do islão com os dois monoteísmos precedentes, é o confisco teológico da tradição judaica. A reação a este confisco, por parte dos teólogos judeus e da literatura rabínica, foi o ponto crucial na sobrevivência da religião judaica, recusando permanecer apenas como uma ortodoxia fossilizada e frustrada contra a hegemonia da teologia cristã. Assim, a continuidade do judaísmo foi porque o pensamento teológico judeu cresceu e transformou-se e, com isto, produziu um importante impacto no próprio desenvolvimento teológico do cristianismo.

Um caso particularmente emblemático foi o debate em Paris, em 12 de Junho de 1240, conhecido como ‘o julgamento do Talmud’, entre Nicholas Donin, um franciscano e judeu convertido que tinha traduzido o Talmud para francês, e os quatro mais importantes tosafistas, i.e. exegetas do Talmud, na França daquela altura. O evento foi promovido pelo rei Luis IX, que viria a ser canonizado como São Luís, quando as autoridades eclesiásticas concluíram, depois da tradução de Donin, que a teologia talmúdica tinha não apenas uma interpretação do Velho Testamento que

era divergente da interpretação cristã, mas, mais do que isso, divergente do que os cristãos costumavam acreditar que era a interpretação hebraica. No fim, o Talmud foi condenado e queimado num cadafalso público, confiscando todos os exemplares que se conseguiram encontrar, como se condenavam e queimavam os próprios judeus. O maior significado deste episódio é que o aprofundamento e diversificação da teologia judaica, em particular no terreno do Talmud e Midrash, desafiou visões estabelecidas na própria teologia cristã. Ao contrário de outro cliché do movimento ecumenista atual de que os três monoteísmos são ‘religiões do livro’, o facto é que, a partir da Torah, o judaísmo é uma religião de muitos livros, no sentido em que o judaísmo da diáspora não pode ser totalizado como um puro produto ou derivação genética do Velho Testamento. A própria definição de tosafista é particularmente expressiva desta realidade, no sentido em que os comentários de tosafistas medievais eram acrescentados às edições do Talmud.

O que está em causa, nesta leitura, é que a teologia judaica exerceu sobre a hegemónica teologia cristã uma importante ‘ansiedade da influência’. Este conceito, como sabemos, foi autorado, no campo da crítica literária, por Harold Bloom, ele próprio um académico judeu, para referir a ansiedade dos poetas em apenas repetirem o que outros poetas anteriores disseram, tentando ir além do enorme impacto que recebem de outros criadores. Na verdade, a ansiedade da influência é também, penso eu, uma importante questão no campo da mitopoese teológica. Os teólogos cristãos nunca conseguiram reduzir a teologia judaica a uma ortodoxia antiquada, ou a uma blasfêmia dispensável. Mas, por seu lado, o cristianismo produziu também uma marcada ansiedade da influência nos teólogos judeus, confrontados com a ideia cristológica da Palavra Encarnada que desafia provocativamente a relação entre anábase e catábase no judaísmo. A anábase, ‘a descida’, refere o processo pelo qual a Palavra de Deus desce ao mundo para produzir a catábase, a ‘ascensão’ dos seres humanos, ou do povo eleito em particular, à realidade maior do que a vida e maior do que o mundo. Moisés recebendo as Tábuas da Lei no Monte Sinai é o epítome deste circuito entre o Céu e a Terra. Na narrativa judaica, o processo anabático e catábico é profético, porque é realizado, ao longo do tempo, por mensageiros, na forma de anjos proféticos e patriarcas profetas, até à vinda do Messias. O cristianismo, afirmando que Cristo é o Messias como ‘a Palavra feita carne’, terminou com a cadeia de profetas, mas porque tornou a morte a questão central do circuito entre anábase e catábase. A invenção da morte, na história de Adão e Eva, é um cataclisma cósmico que só podia ser ultrapassado com um cataclisma de igual proporção cósmica, que

era a própria morte da morte. A ressurreição de Cristo é a morte da morte. O judaísmo manteve-se, precisamente porque conseguiu responder à ansiedade da influência mitopoética da teologia da ressurreição de Cristo.

Em contrapartida, a teologia islâmica não produziu, ao longo do tempo, essa ansiedade da influência sobre os teólogos cristãos e judeus, devido, em larga medida, ao tipo de resposta que o pensamento religioso muçulmano desenvolveu, em relação à ansiedade da influência produzida pelo próprio judaísmo e cristianismo. É necessário ter em atenção que o islão é o terceiro monoteísmo e, portanto, a questão fundamental era ir além de Cristo. Os judeus não precisaram ir além de Cristo, porque vieram antes, o que precisaram era demonstrar que, depois de Cristo, os judeus continuavam a ser o povo eleito, ou seja, que os judeus continuam fundamentais para o cumprimento da Palavra e do destino que Deus decidiu para o mundo. Por isso, a teologia é mitopoética, não porque seja uma pura fantasia, mas porque teologicamente a criação de Deus é infinita, de modo que o pensamento teológico não apenas reflete, mas acrescenta à realidade de Deus. Neste sentido, aqueles que chegam por último têm que ir além dos que vieram antes. Como ir além da grande poesia neo-testamentária do Deus Pai que se fez Filho para morrer a última morte e salvar o mundo com a sua luz? E, desta forma, uma vez que Cristo tinha declarado o fim da profecia, a religião monoteísta seguinte tinha que ir além do último profeta. Mas a resposta do islamismo foi derogatória e mimética, declarando que judeus e cristãos tinham uma leitura inteiramente errada das suas próprias religiões. Maomé sim foi o último profeta e a Palavra feita carne encarnou, porém não em Cristo que foi, para a religião muçulmana, mais um profeta venerando, mas objeto de uma regressão gentílica, por parte dos seus seguidores que o divinizaram como Filho de Deus. A Palavra se fez carne sim, na forma do Alcorão. Para o judaísmo, como para o cristianismo, o Tanakh e a Bíblia, respetivamente, reproduzem a Palavra mediatizada de Deus. No entanto, o Islão considera que o Alcorão foi literalmente ditado por Deus e revelado a Maomé pelo Arcanjo Gabriel, de modo que a palavra encarnada no livro torna todo o volume do Alcorão um ser sagrado ou epifânico em si próprio, porque o livro contém Deus e Deus contém o livro.

Esta incorporação da tradição judaica e cristã no islão, com a pretensão de separar o verdadeiro do falso monoteísmo, é outra expressão do confisco teológico do judaísmo que está na base da multiplicação histórica dos monoteísmos. É neste sentido que não se pode observar uma religião como um puro fenómeno cultural e político. O movimento ecumenista confunde a sua premissa de que todos os radi-

calismos são, em última instância, politicamente iguais – porque não se pode continuar a combater violência com violência e intolerância com intolerância, como aconteceu, ao longo da história, no uso político da religião – com uma petição de princípio, mais sentimentalista do que teológica, de que todos os monoteísmos são iguais, porque são, no fundo, versões filiais uns dos outros geradas pelo sêmen de Abraão.